

SEBO: a solução para os leitores desvairados.
pinas, 21 ago. 1983.

Jornal de Domingo, Cam-

Sebo: a solução para os leitores desvairados.

Desde o ano de 1450, quando o alemão Johannes Gutenberg abriu uma oficina de impressão, utilizando pela primeira vez os tipos móveis, o comércio de livros passou por muitas fases. Difícil portanto seria fazer uma análise apurada de todas as oscilações do mercado de livros.

O interessante é que depois de muito tempo, por motivos os mais diversos, surgiu um comércio paralelo à venda de livros novos. Ou seja: livros usados.

O caos dos sebos

"Há quem diga que a época de fastígio dos sebos tenha acabado". — afirmou Evelyn Schulke em artigo publicado há seis anos no *Jornal da Tarde*. Ele mesmo explicou as razões, no artigo dessa sintética afirmação:

— A maior parte dos próprios sebos é a prova disso. São salas relativamente pequenas, em prédios antigos, onde paredes altas se revestem de estantes abarrotadas de livros revestidos de pó. No pouco espaço que sobra — o chão — as pilhas se acumulam, os pacotes se avolumam e, inegavelmente, falta lugar para guardar tanto livro e revista, de estoque cada vez maior.

Mas, à parte desse promenor levantado por Evelyn, há tanto tempo, hoje os sebos parecem ter voltado à tona. O motivo? Talvez não seja outro: a crise econômica que abala sobremaneira a classe média, onde se situa a maior parcela de ávidos leitores. Outras correntes explicam o problema de queda de venda de livros novos a partir do fato de as editoras não terem um interesse maior em editar "obras encaixáveis".

"Aqui nos sebos não estamos preocupados com o encaixe de livros", explica Antônio Mucci, proprietário do sebo que fica na loja 11 da Galeria Barão Velha. "Tenho um estoque de mais de 3.000 livros e devo comprar até quinhentos livros por mês (evidente que as vendas atingem apenas a metade da compra durante o mês). Agora, tenho problemas na compra de livros porque não é nada difícil aparecer alguém (como já apareceu) por aqui tentando vender livro roubado e jogando a gente na incômoda situação de receptor."

Outro Antônio, mas esse de sobrenome Camargo, é proprietário de um sebo em Campinas. Muito amigo dos proprietários do *Livrão* — o sebo de Marilza e Antônio Mucci —, porém, ele diz o contrário:

— Meu pai começou a trabalhar com a troca e venda de cromos (figurinhas) em 1960, e criou o primeiro sebo de Campinas e isso já tem mais de 15 anos. Estou à frente da *Casa do Livro* há sete anos e não vejo nenhum futuro nesse negócio. Os livros

ces; esses não encaixam. O motivo? Talvez seja por causa da televisão, que sempre passa filmes antigos ou novelas baseadas em romances antigos e isso incentiva muita gente a procurar o livro aqui no sebo, já que não vai encontrá-lo em livrarias que vendem livros recentes.

Ele deu ainda outra explicação interessante: "Os livros com inclinações anti-semitas são os mais procurados. Quem aparecer aqui com *Minha História*, de Adolf Hitler ou *Brasil, Colônia de Banqueiros*, compram sem pestanejar porque é venda certa". E quem tiver algum deles ou quiser adquiri-lo (?) basta procurar a *Casa do Livro*, que fica na rua Benjamim Constant, 741. Ele não tem telefone "que é para o cliente ir até lá, mesmo".

Encontros nos sebos

O Mucci, do *Livrão*, disse manter contato com professores universitários, literatos, muitos estudantes (até algumas crianças, o que é de espantar) e também com eruditos:

— Tem um senhor, que eu conheço apenas como Pedro — conta ele — que vem sempre aqui procurar livros que versem sobre a Bíblia. É espantoso o que ele sabe sobre o assunto, sem contar as parábolas e versículos que ele sabe de cor!

E o *Livrão* trabalha muito com livros em outras línguas, como o inglês, francês, italiano e espanhol. A procura também é considerável, já que eles estão esgotados, na maioria. "O único problema neste caso é atender um turista que não fala o português", completa com humor dona Marilza.

— Se eu não estivesse nesse negócio há apenas seis anos — comenta Antônio Mucci —, estaria hoje estudando e investindo num ramo muito interessante (e por que não dizer, lucrativo): *antiquários*. Os livros antigos, considerados raridades, são procurados por pessoas que colecionam e, como entendem do assunto, pagam qualquer preço. O problema é que comeci a vida profissional como contador e hoje o sebo é um negócio que faço por prazer e pouco tempo me sobra para estudar a história dos livros.

Revistas também

Revistas usadas também são muito procuradas nos sebos e a maioria dos sebos trabalha com elas. Esse é propriamente um mercado de troca que não é especializado, a não ser em algumas bancas espalhadas pelo centro da cidade. Os sebos preferem os livros por um motivo justificável: ele pode ser facilmente catalogado e colocado em prateleiras. A revista precisa de um espaço muito grande e os compradores têm dificuldade em encontrar o

Mesmo com esse fator depreciável, o sebo da Valdereza — dona Val, para os íntimos amigos da casa — vem trabalhando com discos e revistas e somente alguns livros (de bolso, em grande parte). Ela também tem sua história: veio a Campinas em 74 para gerenciar um sebo que ficava em outro ponto da Benjamin e acabou onde está até hoje, na rua Benjamim Constant, 741. Ela fala entusiasmada de suas propostas.

— Criei aqui no meu sebo um ambiente favorável às "pessoas necessitadas". Vendo muitos livros editados pela Igreja Adventista e pela Seicho-No-Iê. O que mais vende é o *Livro do Jovem*, de Masaharu Taniguchi, fundador da seita. Vendo muitas revistas porque deixo meus amigos — nunca chamo "cliente" — abrirem as revistas antes da troca ou da compra. Trabalho também com discos e fitas novos ou usados e também ofereço a meus amigos a chance de ouvir antes de negociar.

Doenças? Não há perigo

Se você nunca foi a um sebo com medo de doenças, mude de idéia. Dificilmente os sebos são focos de doenças, apesar de seu aspecto meio sujo e de ser ignorada a procedência dos livros vendidos ali.

Os agentes patogênicos — aqueles que são portadores de doenças — raramente conseguem sobreviver por muito tempo em condições adversas. A maior parte desses agentes morre logo quando está fora de seus focos naturais, especialmente num país como o Brasil, que tem uma temperatura média anual muito elevada e esses agentes sobrevivem melhor em temperaturas baixas.

Praticamente, só poderia existir um único perigo nos sebos: você ter o costume de lamber os dedos antes de folhear um livro. Mas isso nada tem a ver com a origem do termo "sebo": ele veio de Portugal já significando "mercado de livro usado". Era apenas uma forma caricaturada e simpática de chamar as livrarias que vendiam livros de segunda-mão, sujos (ensebados). Aliás, para evitar o pejorativo, nunca chame sebo se você puder usar os termos *alfarrábio* (livro usado, mas de certo nível cultural) ou *antiquário* (aridade impressa).

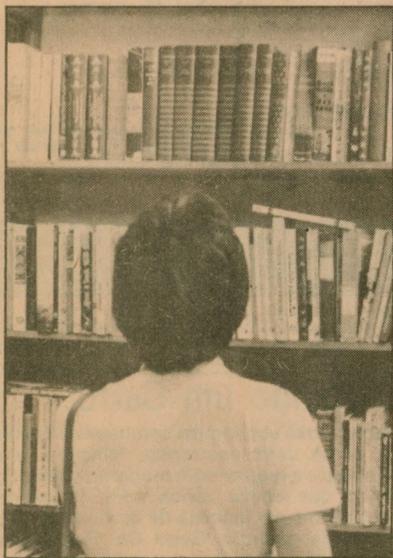
Cientificamente, o agente patogênico mais perigoso, que pode ser transmitido pela saliva depositada nas páginas, é o *toxoplasma gondii*, descoberto pelo Instituto Adolfo Lutz, e que pode levar até à cegueira. O que seria terrível para quem gosta de ler (ou devorar alfarrábios).

Moral da história: não deixe de procurar os sebos à cata de bons livros esgotados, nem deixe de ler constantemente. Evite apenas lamber os dedos para virar as páginas

Lo supniás



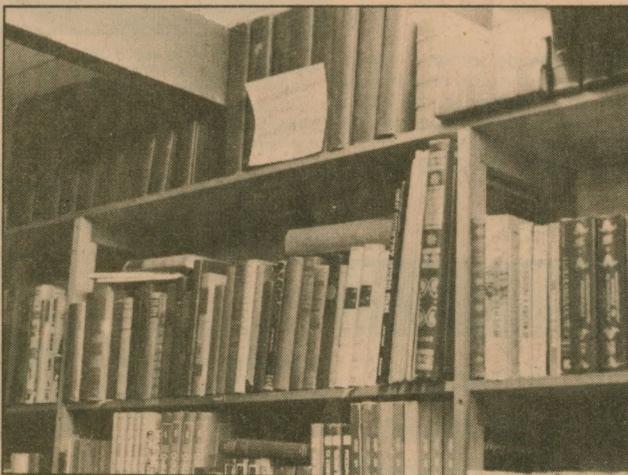
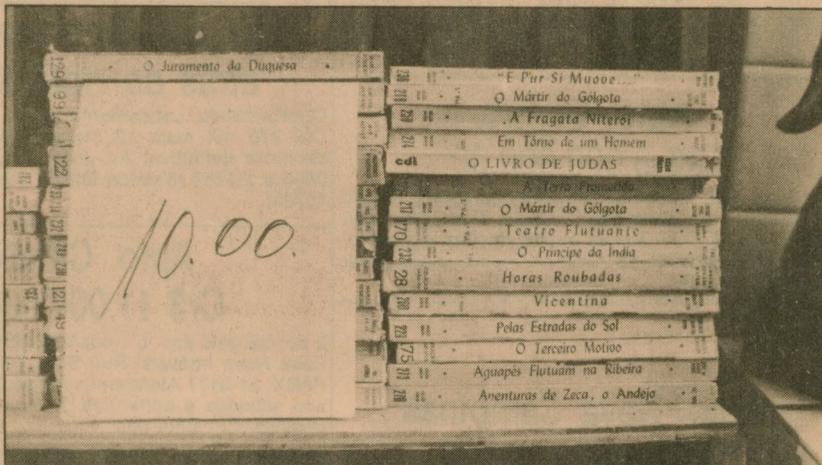
*O estoque dos sebos
chegam a ser tão
grandes que são
vendidos como
papel velho,
por quilo.*



*Os freqüentadores
dos sebos são
verdadeiros amigos
da casa. E ficam
horas observando
as novas aquisições.*



*Marilza e Antônio Mucci,
proprietários do
sebo O Livrão
fundado
em Campinas há 6 anos.*



*Nos sebos,
livros e coleções
são vendidos
como ofertas
"para não ficar
criando ratos"
como afirmam os
proprietários.*